

Construção de um percurso metodológico: são os passos que fazem o caminho

Luciane Maria Pezzato¹, Lia Thieme Oikawa Zangirolani², Lais Helena Dutra³, Danilo de Miranda Anhas⁴, Carlos Roberto de Castro-Silva⁵

Resumo

O objetivo deste trabalho é sistematizar e discutir a construção coletiva de um percurso metodológico para implementação de duas pesquisas em territórios de alta vulnerabilidade, trazendo para reflexão os limites, os desafios e as potencialidades apreendidos nesse processo. A abordagem referenciada na pesquisa participante possibilitou a construção de informações qualitativas por meio de um trabalho de campo simultâneo de duas pesquisas em diferentes territórios, buscando no diálogo a construção de autonomia com os atores/autores das comunidades. Diferentes ferramentas foram utilizadas e a produção de diários foi fundamental para possibilitar o registro do percurso das pesquisas e refletir com as realidades presentes nos territórios para construção dos sete passos percorridos. A pesquisa participante se reafirmou como um espaço ético-político, crítico, promotor de encontros e de cuidado para promover a transformação social.

Palavras-chave

Pesquisa qualitativa. Pesquisa participativa baseada na comunidade. Território sociocultural. Saúde coletiva. Diário.

¹ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; professora adjunta na Universidade Federal de São Paulo, Campus da Baixada Santista, São Paulo, Brasil; integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde. E-mail: luciane.pezzato@unifesp.br.

² Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; professora associada da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, São Paulo, Brasil; integrante do Laboratório de Segurança Alimentar e Nutricional e Políticas Públicas. E-mail: lia.oikawa@unifesp.br.

³ Mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo, Brasil; professora assistente da Universidade da Cidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: dutra_lais@hotmail.com.

⁴ Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil, com período sanduíche no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal; professor da Universidade Nove de Julho, Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: danilo-anhas@hotmail.com.

⁵ Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral em Ciências Sociais na University of Western Ontario, Canadá; professor associado da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, São Paulo, Brasil; coordenador do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Sobre a Desigualdade Social (LeDs). E-mail: roberto.castro@unifesp.br.

Construction of a methodological path: it is the steps that make the path

Luciane Maria Pezzato⁶, Lia Thieme Oikawa Zangirolani⁷, Lais Helena Dutra⁸, Danilo de Miranda Anhas⁹, Carlos Roberto de Castro-Silva¹⁰

Abstract

The purpose of this work is to systematize and discuss the collective construction of a methodological approach for the implementation of two researches in high vulnerability territories, bringing to reflection the limits, the challenges and the potentialities apprehended in this process. The approach of participant research enabled the construction of two parallel fieldwork projects in these territories, seeking to build, in the dialogue, within the scope of the simultaneous research projects, a horizontal relationship with the actors/authors of the communities involved. For the construction of the information, we used mixed techniques. The use of field diaries made it possible to record all the research steps and to reflect on the daily routine of the field. These diaries were used for processing and elaborating on the construction of seven steps covered by the research. In this sense, the participant research reaffirms itself as a political space, promoting encounters and providing ethical-political care, a space premised on social change.

Keywords

Qualitative research. Community-based participatory research. Sociocultural territory. Collective health. Diary.

⁶ PhD in Collective Health, State University of Campinas, State of São Paulo, Brazil; post-doctoral internship at the State University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; assistant professor at the Federal University of São Paulo, Baixada Santista campus, State of São Paulo, Brazil; member of the Laboratory of Studies and Research in Training and Work in Health. E-mail: luciane.pezzato@unifesp.br.

⁷ PhD in Collective Health, State University of Campinas, State of São Paulo, Brazil; associate professor at the Federal University of São Paulo, Baixada Santista campus, State of São Paulo, Brazil; member of the Laboratory of Food and Nutrition Security and Public Policies. E-mail: lia.oikawa@unifesp.br.

⁸ Master in Health Sciences, Federal University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; assistant professor at the University of the City of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. E-mail: dutra_lais@hotmail.com.

⁹ PhD in Health Sciences, Federal University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil, with a sandwich period at the Institute of Social Sciences, University of Lisbon, Portugal; professor at the Nove de Julho University, Guarulhos, State of São Paulo, Brazil. E-mail: danilo-anhas@hotmail.com.

¹⁰ PhD in Social Psychology, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; post-doctoral internship in Social Sciences at the University of Western Ontario, Canada; associate professor at the Federal University of São Paulo, Baixada Santista campus, State of São Paulo, Brazil; coordinator of the Research Group Laboratory of Studies on Social Inequality (LeDs). E-mail: roberto.castro@unifesp.br.

Introdução

A pesquisa participante propõe uma articulação constante de reflexão-ação numa relação simétrica para a produção do conhecimento, em que “pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que em situações diferentes” (BRANDÃO, 1999, p. 11). Reafirma, assim, o compromisso ético-político do profissional com a sociedade, envolvendo os atores/autores numa experiência de compartilhamento de saberes comprometida com a transformação social. Insere-se no campo das pesquisas de natureza qualitativa e participativa, e utiliza uma abordagem teórico-metodológica que rompe com a estrutura clássica da relação entre o pesquisador e o ato de pesquisar, questionando a ideia de neutralidade científica.

Originária das pesquisas sociais, a pesquisa participante vincula-se às investigações fundamentadas na participação ativa dos grupos sociais em todo o processo de pesquisar, ou seja, na reflexão, na análise da realidade, na produção do conhecimento, assim como também no enfrentamento dos problemas, considerando que a realidade é sempre provisória.

Segundo Schmidt (2006), a pesquisa participante se contrapõe à hegemonia da cientificidade, pois “é capaz de aglutinar em torno de si tanto a reflexão epistemológica que interessa à ruptura com o paradigma positivista quanto a apreensão crítica das dimensões éticas e políticas das pesquisas de campo” (SCHMIDT, 2006, p. 13).

Com influência dos movimentos emergentes europeus e norte-americano, Brandão (2006) reconhece que há uma “tradição latino-americana” da pesquisa participante, referenciada no contexto social e político das décadas de 1970 e 1980 da América Latina e fundamentada nas experiências pioneiras de Orlando Fals Borda (1999) e Paulo Freire (1982, 1999, 2003).

De acordo com Brandão (1999), a pesquisa participante é original e procura traçar seus próprios referenciais, rompendo com a tradição etnográfica da observação participante, inaugurada pela antropologia. É também uma “pedagogia que entrelaça atores-autores e que é um aprendizado no qual, mesmo quando haja diferenças essenciais de saberes, todos aprendem uns com os outros e através dos outros” (BRANDÃO, 1999, p. 13). Pressupondo, assim, um compromisso ético-político de inter-relação dos saberes de todos os envolvidos na prática social, produzindo autonomia e conhecimentos comuns.

No Brasil, a pesquisa participante se fortalece no momento político de redemocratização do país (HAGUETTE, 1997), pensado por pessoas com histórico de participação em movimentos sociais e populares, como as comunidades eclesiais de base,

ligadas à Igreja Católica, que se alinhavam aos ideais da teologia da libertação, com pouca vinculação com o mundo acadêmico. Consistiu, assim, em fomentar o processo de formação de consciência crítica das comunidades para sua inserção em processos políticos de transformação e de lutas em busca de relações igualitárias de poder (BRANDÃO, 1999).

Nesse sentido, investigações direcionadas para a produção do cuidado em saúde em territórios de maior vulnerabilidade, com a utilização de metodologias participativas, têm conseguido contribuir significativamente com a diretriz da participação estabelecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (FRUTUOSO *et al.*, 2015; MORAES *et al.*, 2017).

O objetivo deste artigo é descrever e discutir a construção coletiva de um percurso metodológico para implementação de duas pesquisas em territórios de alta vulnerabilidade, trazendo para a reflexão os limites, os desafios e as potencialidades apreendidos nesse processo.

Percurso metodológico

Realizamos este estudo qualitativo fundamentado no referencial teórico-metodológico da pesquisa participante e com análise dos dados na hermenêutica de profundidade.

A primeira reforça a postura ético-política de transformação social calcada na cidadania (BRANDÃO, 1999; PAULO; BRANDÃO, 2018), enquanto a segunda compreende uma interpretação das falas dos atores/autores concretos como produtoras de uma realidade, a qual o pesquisador interpreta à luz da contextualização sócio-histórica e cultural, buscando compreender as produções simbólicas e qualificar as experiências singulares (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

A proposta configurou-se num grupo interdisciplinar de pesquisadores, composto por docentes, discentes (graduação, pós-graduação), profissionais dos serviços de saúde e lideranças comunitárias, que se mostrou desafiadora.

Na perspectiva pedagógica de entrelaçamento de saberes entre autores-atores (BRANDÃO, 1999), e os parâmetros que orientaram a construção das intersubjetividades, valorizam a qualidade dos vínculos, os contextos culturais, os aspectos psicossociais e os graus de comprometimento com a condição de vida das pessoas nesses territórios.

Buscou-se construir, com os atores/autores dos serviços de saúde e das comunidades envolvidas, uma relação simétrica, desenvolvida no âmbito de dois projetos de pesquisa: “Desigualdade social e subjetividade: trajetórias de vida e lutas por melhores condições de vida em território vulnerável da Baixada Santista” e “Ética do cuidado e construção de

direitos: acolhimento psicossocial em práticas da saúde da família em situações de exclusão social”, financiados pelo CNPq e pela FAPESP, respectivamente, na região dos morros de Santos-SP e do mangue de Cubatão-SP.

Apesar de serem duas pesquisas distintas, uma com foco na participação social e subjetividade, e outra com foco na ética do cuidado e direitos humanos, ambas tinham caráter qualitativo (GONZÁLEZ-REY, 2011) e abordagem referenciada nos mesmos aportes teórico-metodológicos, o que possibilitou a construção do trabalho de campo simultâneo nos dois territórios. O que reforça a potência desse percurso metodológico produzido no diálogo, na participação ativa, na reflexão-ação, num compromisso pactuado com todos os sujeitos envolvidos.

O reconhecimento do território como espaço de relações de poder e do território vivido como propiciador das transformações da realidade, foi o primeiro elo entre as duas pesquisas (SANTOS, 2006; SCHMIDT, 2006). Esse reconhecimento cria possibilidades para análise em saúde, sobretudo no contexto da atenção primária, pois possibilita o entendimento do processo saúde-doença nas esferas individuais e nos espaços comunitários (MONKEN *et al.*, 2008).

Um dos territórios da pesquisa, o mangue de Cubatão, localiza-se em região com comprovada contaminação química do solo, dos recursos hídricos e atmosféricos. Possui uma Unidade Básica de Saúde (UBS) com 3 equipes da Estratégia de Saúde da Família, responsável pelo atendimento e acompanhamento de aproximadamente 20 mil habitantes. A outra região, os morros de Santos, é composta por 16 morros, entre os quais 3 foram objeto deste estudo, sendo uma região marcada pela presença do tráfico e por novas ocupações em áreas de risco. Tem em torno de 15 mil habitantes atendidos por 3 Unidades de Saúde da Família (USF), somando 5 equipes.

Por se tratarem de territórios pouco estruturados e com alta vulnerabilidade social, reforçam a necessidade de serem considerados como categoria analítica do processo saúde-doença, por sua interferência nos modos de organizar a vida e as práticas de cuidado em saúde (SANTOS; RIGOTTO, 2011).

O trabalho de campo para a construção da informação qualitativa (GONZÁLEZ-REY, 2011) ocorreu no período de março de 2017 a dezembro de 2019. Formaram-se subgrupos, de acordo com as vinculações prévias nos territórios, em atividades de Ensino, Extensão E Pesquisa, para realizar as ações de forma planejada e simultânea, com propósitos comuns, valorizando a especificidade de cada território e de cada equipe.

Para acessar o vivido nos territórios, trabalhamos com diferentes ferramentas - como entrevistas semiestruturadas, oficinas temáticas, fotografias, e apostamos nos registros em diário - com o propósito de trazer à tona reflexões dos atores-autores durante todo o percurso da pesquisa (PEZZATO; BOTAZZO; L'ABBATE, 2019).

As transcrições das entrevistas, oficinas e os diários ficaram sob a responsabilidade do grupo de pesquisadores da universidade e são apresentados nos resultados, destacando a autoria, codificada em docente, estudante, profissional ou liderança; o território; e a data.

Essas ferramentas possibilitaram uma diversidade de achados, que foram discutidos e analisados passo-a-passo, articulando o que foi produzido em cada território com o planejamento das atividades subsequentes, pois na pesquisa participante é fundamental a integração de saberes produzidos coletivamente. Inspirados em Freire (1987, p. 108), apostamos na (trans)formação “na palavra, no trabalho e na ação-reflexão”.

Todos os procedimentos de ambas as pesquisas cumpriram os critérios éticos estabelecidos pela Resolução CNS n. 466/2013, sendo aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob os pareceres nºs 66235417.3.0000.5505 e 68720217.8.0000.5505.

A construção dos sete passos do percurso

A pesquisa apostou na construção de um percurso metodológico sem um modelo definido a priori para a produção das informações qualitativas das pesquisas (GONZÁLEZ-REY, 2011).

As questões suscitadas em ambos os projetos tomaram corpo no diálogo e houve inserção diversificada de pesquisadores da universidade nos territórios estudados, na busca de sentidos e significados compartilhados sobre a compreensão da saúde e do cuidado, reforçando a proposta do compromisso ético-político pela transformação social (ANHAS; ROSA; CASTRO-SILVA, 2018; ANHAS; CASTRO-SILVA, 2018; SAWAIA, 2014).

As diferentes estratégias para a construção das informações qualitativas possibilitaram uma diversidade de achados que foram discutidos e analisados passo-a-passo, articulando o que foi produzido em cada território com o planejamento das atividades subsequentes, pois na pesquisa participante é fundamental a integração de saberes produzidos coletivamente.

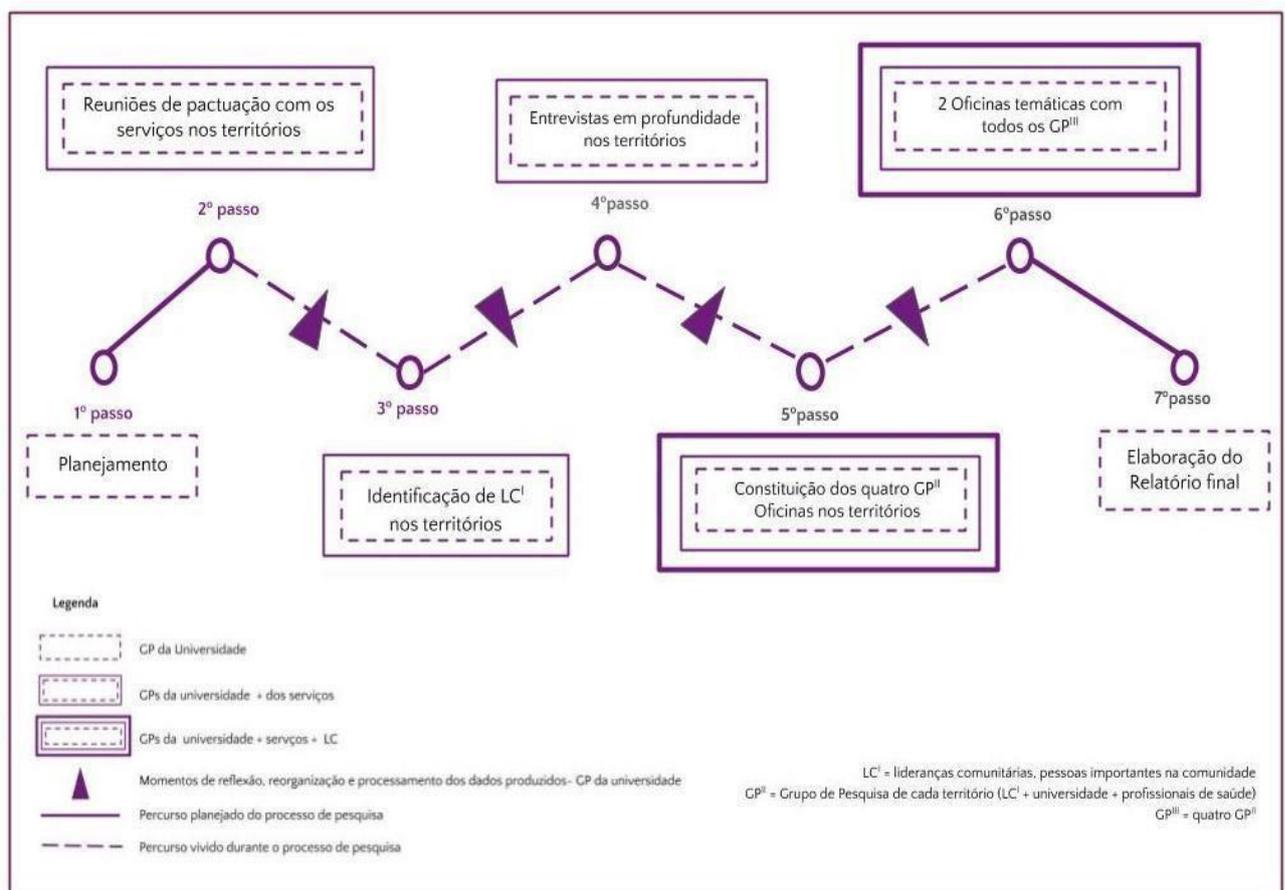
No primeiro momento, pensamos que as entrevistas seriam o principal instrumento de construção da informação, todavia, na medida em que o trabalho de campo teve início, o diário se mostrou indispensável ao processo, pois possibilitou o registro do percurso vivido,

trazendo os olhares de diferentes ângulos, dos diferentes atores/autores, por meio das reflexões individuais e coletivas sobre o vivido no campo.

Segundo Pezzato e L'Abbate (2011, p. 1.311), para o diarista escrever “sobre o que viveu, precisou elaborar como se deu determinada ação, tirando-a do plano de cena natural do cotidiano, colocando-a em discussão e no plano da reflexão”.

A partir das reflexões provocadas pelas diferentes estratégias de produção das informações qualitativas foi possível sistematizar o caminho percorrido no processo da pesquisa e construir um percurso com sete passos da pesquisa, descritos didaticamente na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Percurso para construção da informação qualitativa de ambas as pesquisas. Santos e Cubatão-SP, 2017-2019.



Fonte: Os autores (2021).

Por meio de uma agenda de encontros quinzenais, o grupo investiu na apropriação das pesquisas, do referencial teórico-metodológico e do planejamento, buscando construir um

plano de trabalho para o campo que articulasse as estratégias de produção das informações qualitativas das duas pesquisas, tendo como pressuposto comum a pesquisa participante.

Os desafios já se apresentaram no “primeiro passo”. Mesmo que a proposta fosse a participação dos atores/autores, nessa primeira etapa, apenas os pesquisadores da universidade participaram. Outro desafio foi o fato de ser uma equipe interdisciplinar, em que os atores ocupam e falam de territórios geográficos, existenciais e simbólicos distintos, e a pesquisa participante aposta numa relação horizontal entre todos os envolvidos e na construção conjunta e compartilhada do conhecimento (STRECK, 2016).

A abordagem interdisciplinar partiu da compreensão de que o principal objeto de ação nesses territórios não são fatos homogêneos e simples, mas sim heterogêneos e complexos, que exigem respostas que considerem diferentes realidades vividas pelas comunidades, extrapolando os campos da saúde e do saber técnico de cada profissão. Assim, foi necessário criar uma proposta de trabalho conjunta e dialógica, com escolhas de princípios e conceitos comuns.

Furtado, Laperrière e Silva (2014, p. 475) apontam o grande desafio das pesquisas interdisciplinares em romper as fronteiras disciplinares. Inspirados nos estudos de Bruno Latour, os autores destacam que a teoria participativa e interdisciplinar, em prática, deve considerar o fato de que “a teoria existe na teoria; na prática, ela não existe”. Assim, o desafio foi a construção do comum (SAWAIA, 2014) que garantisse a produção de afetos potencializadores do percurso metodológico com a legitimação de todos os interlocutores.

Nesse primeiro passo, também foi realizada uma pesquisa de dados oficiais e uma análise documental, para atualizar o perfil sociodemográfico e epidemiológico da população em estudo, para posterior inserção nos territórios.

Com a divisão dos pesquisadores da universidade nos diferentes territórios, de acordo com o histórico de vínculos pré-estabelecidos entre eles, a afetividade já se colocava desde o início como categoria metodológica e de análise.

Dos afetos emergiu a possibilidade do exercício do diálogo, central em todo o percurso. Esse processo de interação entre pesquisadores e atores/autores nos trouxe, nas entrelinhas, aspectos afetivos que nortearam tanto as bases do vínculo estabelecido quanto a validação dos resultados da pesquisa. Essa visão integral do sujeito, considerando-o produtor e produto de sua realidade na interação com o meio social, nos aproximou da vida concreta (ANHAS; ROSA; CASTRO-SILVA, 2018).

Em vista do que foi discutido a dialogicidade entre pesquisadores e interlocutores pode contribuir para a criação de uma práxis transformadora, entendida como desdobramento da

pesquisa qualitativa. Dialogicidade balizada pela afetividade, alteridade e reflexividade para que fosse possível contribuir com o engajamento dos atores/autores na produção de novos conhecimentos e com a reflexão crítica acerca do lugar social ocupado por cada um, a partir dos diversos saberes em jogo (ANHAS; ROSA; CASTRO-SILVA, 2018, p. 7).

O “segundo passo”, com a participação dos profissionais de saúde, iniciou-se em reuniões de pactuação com os serviços nos territórios, com a finalidade de mapear e atualizar informações sobre o funcionamento das Unidades de Saúde da Família (USF) e de outras organizações comunitárias e não governamentais. O intuito era fortalecer e repactuar os vínculos existentes entre a equipe de pesquisadores da universidade com profissionais de saúde e lideranças comunitárias.

Os registros nos diários revelaram que, para a maioria dos profissionais e lideranças comunitárias, a percepção sobre pesquisa estava calcada no modelo hegemônico, em que a pesquisa é realizada sobre e não com os sujeitos. O “lugar deles” se resume a responder questionários, sem participação ou algum tipo de partilha na construção da pesquisa, na definição dos objetivos, nas escolhas metodológicas, nas análises, ou mesmo nos resultados. Esta discussão foi registrada no diário:

O que é pesquisa? Trabalho também é pesquisa? Dessa vez, esse início parecia mais tenso, as pessoas não estavam falando muito. Uma trabalhadora se arrisca a dizer que sim, se faz levantamentos de dados da população, numa forma tipo IBGE [...] pesquisa não gera resultado, é somente para colher dados. Ou que, às vezes, não tem fundamento para eles, que são colhidos dados e nada se faz, ou não se explica o porquê daquilo (diário, estudante, mangue, 18/08/2017).

Como afirma Streck (2016), “o que significa a qualidade da relação entre os atores/autores? Por que se preocupar com isso? É possível avaliar a qualidade da relação na pesquisa?” (STRECK, 2016, p. 543). Esse achado revela uma responsabilidade ainda maior quanto à construção de outras formas de fazer pesquisa. Embora o trabalho de campo tenha sido planejado, foi sendo reelaborado conforme os desafios se apresentavam e considerando as especificidades produzidas em cada território.

Em uma das oficinas realizadas no mangue, a temática provocou uma reflexão crítica sobre o papel da pesquisa, dando visibilidade ao enorme desafio da criação de espaços legítimos de interlocução entre os atores/autores da academia e dos territórios em questão:

Não adianta ficar fazendo pesquisa, pesquisa... manda a gente fazer um monte de pesquisa, a gente vai... acho que é pra dar trabalho mesmo pra

gente, sabe? Ficar desanimada... e aí, não resolveu... dados que são graves, que podia resolver com a pesquisa, que a gente descobriu... resolveu? Não, nem vai... (transcrição, profissional, mangue, 18/08/2017).

Eu acho que tem fundamento fazer essas pesquisas, mas eu acho que, na verdade, ele não passou pra gente... a gente gostaria de saber pra que que a gente tá fazendo isso... eu até já sei algumas coisas... mas assim... tem coisas que a gente não fica sabendo pra o que é, gostaria de saber pra que que eu tô perguntando, de repente até pra falar pra população... (transcrição, profissional, mangue, 18/08/2017).

Vocês vão em campo com a gente, ajudar a gente a resolver problemas ou vocês só querem que faça a pesquisa, que a gente ajude a coletar dados pro mestrado de vocês, qual é a utilidade? (transcrição, profissional, mangue, 18/08/2017).

A crítica se refere à capacidade e ao potencial dos estudos transformarem concretamente as condições de vida dos moradores do mangue. Será que a presença de pesquisadores nesse território desde 2012 pode ter sido um importante fator na construção e elaboração de tal criticidade?

A crítica colocada nesses trechos revela uma não compreensão sobre os limites da pesquisa, sendo assim, espera-se a resolução dos problemas pela investigação. Como apontado por Campos (2011), há diferenças da encomenda social por parte da universidade e dos serviços: “somos da universidade pública, os cidadãos brasileiros nos pagam para que formemos novos profissionais e também para que produzamos conhecimento útil à sociedade. É nessa encomenda social que podemos assentar o traço que nos distingue” (CAMPOS, 2011, p. 1271).

Nesse sentido, é necessário apontar que a pesquisa dá subsídios para uma luta que precisa ser travada, e que é necessário haver investimentos, sendo que este papel não é só da universidade, mas de toda a sociedade, o que os inclui.

Dessa forma, um dos propósitos da pesquisa foi ampliar o conhecimento e, mesmo sabendo que necessitaríamos de mais tempo para saber o quanto conseguiríamos alcançá-lo, tivemos indícios de que algo estava se movimentando no grupo, mesmo que timidamente. “O grupo foi bem tímido, apenas uma trabalhadora falou que era para ampliar os conhecimentos” (diário, estudante, morros, 29/09/17).

O momento das oficinas favorecia o resgate histórico da universidade no território e convocava rotineiramente os atores/autores para que retomassem os objetivos da pesquisa, possibilitando criar e fortalecer os vínculos, bem como construir um compromisso mútuo de confiança (MORAES *et al.*, 2017, p. 213).

Ao entrar no território dos morros, nos deparamos com uma realidade diferente da

encontrada no mangue:

Esse encontro se deu no momento em que os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) vivenciavam grande tensão, pois se preparavam para o concurso da prefeitura para (re)contratação de Agentes Comunitários de Saúde - ACS (diário, estudante, morros, 29/09/17).

Esse concurso afetou o planejamento, atrasando o cronograma e a composição do GP (Grupo de Pesquisa). Ainda assim, investiu-se na sensibilização para a continuidade da participação de atores importantes do território, a despeito das implicações resultantes do concurso:

Finalizamos a fala agradecendo o espaço e fazendo um esclarecimento sobre a participação dos ACS que se interessarem, no sentido de garantir que poderão seguir conosco mesmo que não sejam selecionados no concurso, afinal, moram nos morros, trabalham na USF há bastante tempo, têm vínculo com a comunidade e têm sido fundamentais para todas as atividades que se dão nesta equipe até então (diário, docente, morros, 29/09/17).

Conforme caracterizado na Figura 1, entre o “segundo e o terceiro passo”, tivemos um momento de pausa das atividades do campo quando foi possível interpelar nossas certezas sobre nossos pressupostos epistemológicos da pesquisa, confrontando “o fato de que não há caminho pronto”, como afirma Streck (2006, p. 261). Esse movimento permitiu olhar o material produzido até então, organizá-lo, refletir com ele e preparar o próximo passo em diálogo com o contexto dos territórios que se apresentavam.

Após repactuação, o “terceiro passo” consistiu no agendamento das oficinas para identificação das lideranças nos territórios com a participação dos profissionais de saúde. As oficinas tinham como proposta construir coletivamente um mapa afetivo do território (AUGUSTO; FEITOSA; BOMFIM, 2016) para, a partir daí, identificar as lideranças e então convidá-las a participar do GP.

Nessa construção dos mapas, os afetos entre profissionais de saúde e lideranças comunitárias foram se revelando:

Este encontro de hoje tinha a finalidade de concluir este mapeamento para que pudéssemos então fazer as visitas domiciliares a estas pessoas, visando convidá-las a participar deste grupo de pesquisa, conforme a avaliação desta abordagem inicial. Cabe dizer de antemão que na conversa com os profissionais, [...], houve manifestações de prós e contras a convidar determinadas pessoas... (diário, docente, morros, 27/09/2017).

Em outra Unidade dos morros, a construção dos mapas afetivos mostrou grande proximidade entre equipe de saúde e lideranças comunitárias:

O mapa foi colaborativo, com a contribuição de cada um, inclusive aqueles que não necessariamente desenharam, mas colaboraram com as ideias, as lembranças de territórios importantes [...]. Deu a impressão que cada liderança selecionada cuida de algo na comunidade. Além disso, cada uma das lideranças citadas já traz um histórico de participação (diário, estudante, morros, 17/10/2017).

Ao final do “terceiro passo”, uma nova pausa foi realizada para trabalhar as informações trazidas do campo, possibilitando nossa organização no agendamento das entrevistas com lideranças comunitárias, previstas no “quarto passo”. Esse momento exigiu superação de problemas de ordem institucional adicionais, pois previa a participação dos profissionais de saúde, que atravessavam um momento de demissões e recontrações.

Nos morros, no final de 2017, praticamente todas as ACS foram demitidas, gerando atraso no andamento da pesquisa, pois elas eram intermediadoras do contato com as lideranças. No mangue, a contratação de uma nova Organização Social para administrar as USF do município resultou na substituição de muitos profissionais, comprometendo a participação na pesquisa devido à reorganização na rotina do serviço.

Identificadas as lideranças comunitárias, foram realizadas visitas domiciliares, registradas em diários e entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro comum.

Algumas ACS demitidas manifestaram interesse em continuar na pesquisa, mesmo não fazendo parte da equipe do serviço. Isso nos fez refletir sobre as diferentes formas de participação, quando a proposta prevê a inclusão de diferentes percepções e experiências relativas à participação ativa em pesquisas com essas características. Paulon *et al.*, (2014) apontam que “o mais emblemático aprendizado foi a concepção de que a participação não acontece de forma linear e tampouco de uma vez por todas – o que se experimenta é um processo de participação, com suas idas e vindas” (PAULON *et al.*, 2014, p. 26).

Esse fato provocou alguns questionamentos: como se dá a participação de diferentes atores/autores, com diferentes graus de envolvimento na pesquisa? Como romper e provocar mudanças nas relações de poder existentes entre universidade e comunidade, trazendo outras prioridades e perspectivas de ação na investigação?

Com relação a essas indagações trazidas pela análise numa reunião com lideranças comunitárias no território do mangue, elas ficaram demarcadas e registradas em diário, a

partir da fala de um líder que havíamos conhecido a pouco, depois de tantos anos no território, e que expôs expectativas diferentes das que as pesquisas em geral oferecem:

Falou sobre suas expectativas com relação à universidade e à possível parceria. Associou a parceria com a universidade com a possibilidade de insumos na unidade de saúde. Acreditava que a universidade facilitaria o acesso a consultas, remédios, exames, etc. Quando falamos sobre os objetivos das pesquisas e do compromisso da universidade com a comunidade, esclarecemos esta questão dizendo que este não é nosso intuito e foge ao escopo das pesquisas (diário, estudante, mangue, 26/10/2017).

Essa aspiração por consulta, remédios, exames, etc. revela um desconhecimento sobre o papel da universidade na sociedade, confundindo-o com o papel dos serviços de saúde. Ao mesmo tempo, marca o diálogo pouco claro entre universidade, serviços de saúde e comunidade na busca por um bem comum. Em estudo realizado sobre a extensão universitária, Fernandes *et al.* (2012), identificaram tanto o desconhecimento do papel da universidade como a atribuição de um papel de assistência. Conforme destacam, o “papel da universidade é muito importante né? Eles atendem bastante a nossa comunidade no posto” (FERNANDES *et al.*, 2012, p. 177).

Esses resultados reafirmam necessidades urgentes e concretas de comunidades em contextos de vulnerabilidade e a presença insuficiente do Estado no território, que muitas vezes é suprida por atividades e ações universitárias, religiosas, de organizações não governamentais ou de outra natureza, que contribuem com essa confusão sobre o papel de cada um e sobre como podem se somar.

O “quinto passo” foi constituir os quatro GP, um em cada serviço, com profissionais das equipes de Saúde da Família e lideranças comunitárias dos territórios. Nele, surgiram desafios que nos fizeram repensar as implicações de como os vínculos entre pesquisadores, profissionais, lideranças e territórios estavam se estabelecendo e sendo cuidados no âmbito da investigação.

A partir da constituição dos GP, as oficinas temáticas ocorreram, com o objetivo de construir, com as lideranças e profissionais da saúde, a historicidade da comunidade. Utilizando trechos das entrevistas como disparadores, foram construídas linhas do tempo que possibilitaram um aprofundamento do conhecimento das condições de vida e de saúde nesses territórios, e a discussão sobre os processos históricos de construção da participação social e da produção de cuidado.

Em um dos morros, veio à tona a dificuldade do diálogo entre pesquisadores da universidade, profissionais da USF e lideranças quando, na data marcada, nenhuma liderança compareceu na oficina. Isso incomodou os pesquisadores da universidade, uma vez que evidenciou a “competência intelectual do pesquisador” (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 81), reforçando o lugar social que cada integrante ocupa historicamente, mesmo numa pesquisa que buscou ser feita em conjunto com os sujeitos. A distância entre quem está na universidade e quem está fora dela ficou marcada, conforme registrado no diário:

Um dos problemas também está no fato de que fazemos muitos planos só entre os pesquisadores da universidade e ficam muitos “não ditos”, pensando que o outro está acompanhando tudo e não está. Por outro lado, notamos sempre uma boa disposição da gestão, a chefia, em acolher nossas solicitações, mas é evidente que ainda a pesquisa é do pessoal da universidade (diário, docente, morros, 18/04/2018).

Com isso, nos questionamos sobre a dificuldade em romper com essa distância e assumir outro lugar nesse processo, assim como questiona Streck (2006, p.267): “com o que nós entramos nas negociações?”.

Essas reflexões provocaram movimentos de releitura da realidade, o que resultou na repactuação, e uma nova data foi agendada para essa oficina, desta vez planejada com as ACS, que se responsabilizaram pela entrega dos convites da oficina para as lideranças.

A oficina ocorreu e foi possível construir uma linha do tempo viva, recheada de memórias sobre um movimento de união que aconteceu no passado:

A gente se reunia, éramos muito unidos. Quando tinha uma laje, todo mundo se juntava pra ajudar o morador a montar a laje, mas hoje tá tudo fragmentada as lutas dentro do morro, cada um pela sua causa, sua militância e não havendo mais unidade pra um bem comum(oficina, liderança, morros, 06/06/2018).

Nos outros dois morros ocorreu uma articulação mais coesa para montar a “Linha do Tempo”. Observou-se uma maior disposição, afetividade e compromisso dos participantes:

As lembranças trazidas expressavam um vínculo afetivo importante, o qual foi construído a partir do cuidado com o outro. Presenciar essas lembranças foi muito comovente e inusitado, pois um dos participantes mais velhos no morro se dirigia aos mais jovens ali presentes, resgatando histórias das famílias destes, recuperando parentes de cada um [...] e foi lembrando de histórias que suscitavam intimidade e convivência no bairro. Isso deu outra qualidade para o encontro (diário, estudante, morros, 17/04/2018).

No outro morro, observou-se bastante curiosidade sobre o que aconteceria na oficina e vontade de contribuir para o processo:

A liderança “a” e a liderança “b” disseram que estavam curiosas para saber o que aconteceria naquela manhã e que estavam dispostas a ajudar. [...] A profissional, funcionária da USF há 24 anos, além de dizer que estava disposta a colaborar, nos surpreendeu ao compartilhar conosco que conversou com alguns parentes, que já moraram no morro, para melhor contribuir com a atividade (diário, estudante, morros, 27/07/2018).

No mangue, foi apontado que antigamente havia mais união na comunidade. Hoje, com o aumento da violência, houve fragmentação das lutas, mas ainda há solidariedade, conforme registrado no diário:

A maioria das falas ainda liga a solidariedade às ações muito individuais, mas começaram a aparecer falas sobre o coletivo, sobre organização comunitária e sobre a importância dessas ações para a transformação social de que tanto se fala (diário, estudante, mangue, 19/04/2018).

é preciso uma conscientização total da sociedade, para que todos possam contribuir para as melhorias da comunidade (oficina, liderança, morros, 27/07/2018).

os conselheiros falaram sobre a importância de serem apoiados pela comunidade nas lutas pelo território, porque não basta apenas uma minoria reivindicar os direitos que são de todos (diário, estudante, morros, 27/07/2018).

Nos quatro territórios, percebemos diferenças e semelhanças marcadas em suas histórias, que de alguma forma refletem no modo como recebem e interagem com propostas de pesquisa como essas, apontando alguns sinais de rupturas com o instituído e as diversidades de apropriação do lugar social que ocupam nas políticas de saúde local.

A rememoração de um fato comum não é apenas uma ação racional, mas é também uma ação afetiva; lembrar significa viver emocional e criticamente o passado, (com)partilhar razão e emoção.

Com as informações produzidas no “quinto passo”, nova pausa. Retornamos mais uma vez à universidade para organização, reflexão, processamento e estudo, que sustentaram a elaboração do “sexto passo”: as oficinas temáticas.

As oficinas receberam o nome DiverSUS, como forma de reconhecer a diversidade existente nos territórios, assim como entre os serviços dentro de um mesmo nível de atenção

do SUS. Elas foram concebidas com o propósito de apresentar os resultados preliminares aos atores/autores dos territórios e, desse modo, podermos juntos aprofundar as análises sobre os principais achados da pesquisa, com a participação de todos, garantindo que o conhecimento produzido seja compartilhado e possibilite sua apropriação entre todos para contribuir com a melhoria das condições de vida da população.

Essa estratégia trouxe a oportunidade de reflexão sobre as questões vivenciadas pelos atores/autores envolvidos, cumprindo o papel ético e político da pesquisa participante. As oficinas contribuíram tanto para o fortalecimento dos espaços dialógicos e democráticos quanto na construção e compartilhamento de saberes (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014; SCHMIDT, 2008).

Tomando a pesquisa participante como referência ético-política principal, as oficinas foram espaços de articulação entre os dois referenciais teórico-metodológicos, a pesquisa participante e a hermenêutica de profundidade. A metodologia da hermenêutica de profundidade é proposta por Thompson (1995) e tem como foco a interpretação de fenômenos culturais e das relações sociais contextualizados sócio-historicamente¹¹. A finalidade das oficinas foi produzir debate e reflexão entre e com os participantes (STRECK, 2016), por meio da seleção de trechos analíticos produzidos pelo processo de análise hermenêutica: sócio-histórica e formal, acrescentando mais uma camada à interpretação e reinterpretação, isto é, as análises realizadas tanto pela equipe de pesquisadores da universidade como dos territórios, ou seja, por todos os envolvidos nas pesquisas.

O envolvimento de todos os atores/autores desta pesquisa tornou-se imprescindível para a interpretação dos fenômenos, uma vez que o mesmo território pode ser vivenciado de formas diferentes para cada um. A compreensão do território vivido é fundamental para se pensar as transformações da realidade e maior efetividade das políticas públicas de saúde (SCHMIDT, 2006).

Tal processo indica a pertinência da articulação entre pesquisa participante e hermenêutica de profundidade, em que a segunda reforça o potencial de análise da primeira (CASTRO-SILVA; ANHAS, 2019).

O papel político da pesquisa participante e sua perspectiva pedagógica (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014; BRANDÃO, 1999) emergiu por meio dos espaços democráticos de construção, nos momentos coletivos das oficinas, trazendo reflexões de lideranças comunitárias, evidenciando que houve compartilhamento de saberes, construção de

¹¹ Para mais detalhes sobre o método, consultar Castro-Silva e Anhas (2019).

redes e produziu transformações na relação entre a comunidade e a universidade, conforme o trecho da oficina:

a questão do escutar, muito gostoso quando a gente começa a ser escutado do que acontece dentro de uma periferia, as dores da agente de saúde, as conquistas da enfermeira, né? Mas aqui eu vou além da questão do escutar, né? Vocês adentraram no mangue. A universidade ter entrado no mangue é uma escuta diferente, é a nossa periferia estar dentro dessa universidade de cabeça erguida e ver que esse espaço é nosso! Se empoderando, que eu não preciso baixar a cabeça, que eu não preciso de vereador nenhum para dizer: eu consegui que vocês participem de uma reunião lá na universidade! Não! É nosso, a gente vai participar porque é nosso! E essa escuta, esse despertar de consciência da população, isso é cuidado. [...] o meu povo tá dentro da universidade, não é estudante, mas tá dentro da universidade, [...] quando a gente pega responsabilidade da nossa pesquisa, envolver a comunidade numa devolutiva, isso é cuidado, então, assim, escutar, ter outro olhar, estender a mão e caminhar junto, esse é o cuidado (liderança, mangue, oficina DiverSUS , 01/10/2018).

Frente aos desafios vividos, os profissionais de saúde participantes das oficinas e lideranças parecem reconhecer os espaços e encontros promovidos pela equipe de pesquisadores e estudantes da universidade como positivos e propositivos, permitindo a reflexão crítica sobre o cotidiano de trabalho deles.

De posse de todas as informações produzidas, retornamos à universidade, completando o “sétimo e último passo”, ou seja, refletir, analisar e elaborar os relatórios de pesquisa. Esse passo ficou delimitado apenas aos pesquisadores da universidade, evidenciando, mais uma vez, diferenças entre os atores/autores da universidade e dos territórios, ainda fortemente marcadas nas pesquisas, mesmo as de natureza participativa.

Contudo, os registros nos diários permitiram trazer os afetos provocados, nos aproximando do vivido no diálogo que mantivemos ao longo do processo ao considerar que: “Ninguém é mão-de-obra para o pensamento de outrem. Todos pensam. Todos ganham” (CAMPOS, 2011, p. 1284).

Como muito bem definiu Gripa (2017):

Pesquisar nas abordagens qualitativas é criar e recriar os conhecimentos, é posicionar-se e movimentar-se no mundo, é buscar singularidades e especificidades sem ignorar as relações com questões mais amplas, é compreender e valorizar cada etapa do processo de trabalho, é viver a pesquisa e se sentir parte dela num processo indissociável em que o sujeito-pesquisador e a pesquisa se atravessam de múltiplas maneiras (GRIPA, 2017, p. 135).

Os passos se fazem no caminho

O percurso metodológico foi reconfigurando-se no diálogo com e entre os autores-atores, a realidade dos territórios histórico, cultural e politicamente situados (STRECK, 2006). Parafraseando Mário Quintana (1989), foram os passos que fizeram o caminho.

Foram passos construídos coletivamente, diante dos diferentes contextos territoriais e institucionais dos momentos de implementação das duas pesquisas. São passos a serem seguidos? Talvez não, mas podem servir como pistas para a construção de outros percursos.

A participação dos autores-atores foi heterogênea em cada passo da pesquisa, porém, com intenso trabalho de equipe, demandando diálogos permanentes, o que possibilitou a construção de atividades investigativas formativas, como foi o caso das oficinas.

O trabalho interdisciplinar se manteve em todo o processo, apesar de termos momentos separados em que não contamos com a presença física dos profissionais dos serviços ou lideranças comunitárias. No entanto, eles estavam presentes nas gravações, nas memórias, nos áudios, nas fotografias, nos registros dos diários, tornando fundamental cada uma das ferramentas da produção das informações qualitativas. Assim, concretizamos o desenho metodológico proposto e a concepção de um trabalho interdisciplinar e horizontal entre as diversas vozes presentes em todos os passos.

Mesmo diante de diferentes ferramentas, o diário mostrou-se como elemento-chave do processo, pois possibilitou registrar desde a organização e planejamento do trabalho de campo até as reflexões acerca do material produzido nos territórios e seus desdobramentos.

Houve movimentos de pactuação e repactuação com o compromisso mútuo assumido para provocar reflexões e pensar/propor possíveis transformações da produção do cuidado em saúde nesses territórios. Locais com histórico de construção social próprios, relação com a universidade diferenciada, dimensionando o envolvimento com a sugestão dessa pesquisa, que propôs construir junto, não levar questionários prontos, mostrando que dependia da participação de cada um para a pesquisa acontecer.

Os momentos de pausa entre o segundo e terceiro, terceiro e quarto, quarto e quinto passos foram essenciais para rever o percurso planejado e colocá-lo em diálogo com o vivido nas atividades de campo. Possibilitaram estudar, discutir e refletir com o material produzido no campo, nos aproximando dos demais atores-autores para o diálogo, o processamento e o planejamento do passo seguinte, vivenciando o trajeto construído da pesquisa participante no processo.

Ao pensar nos entraves que emergiram no percurso de produção das informações

qualitativas, frutos dos desafios inerentes à pesquisa participante e ao trabalho interdisciplinar, nos deparamos com algumas situações em que houve diálogo e, em outras, um antidiálogo, assim como compartilhamentos de saberes heterogêneos, apontando que ainda há muito a ser superado e construído na relação entre a comunidade e os serviços, entre a comunidade e a universidade, como também entre os serviços e a universidade. Como fazer para aproximar nossas encomendas sociais?

Nesse sentido, a pesquisa aparece como um espaço político, com potencial de promover encontros na produção de conhecimentos e saberes em espaços democráticos, com o intuito de transformar as realidades sociais, mesmo que pouco a pouco.

O aspecto “construir junto” apareceu em vários diários, porém, nos foi possibilitado indagar sobre os limites dessa construção coletiva e sobre a instabilidade política e as perdas de direitos sociais no país, que atingem diretamente os sistemas de saúde e de educação na conjuntura atual, comprometendo esse processo. Ainda assim, não os paralisam quando se trabalha em defesa de um SUS forte.

A construção dessas parcerias implicou em processos intensos de presença e diálogo nos territórios, que se sustentaram pelos afetos construídos no espaço público de trabalho e vida e em defesa do SUS.

As diferentes narrativas que emergiram a cada passo garantiram a pluralidade de vozes, experiências e saberes, e a dimensão ético-política mostrou-se um eixo estruturante dessas duas pesquisas participantes, especialmente em territórios marcados pela vulnerabilidade social.

Dessa maneira, foi possível compreender que a questão dos bons encontros e do fazer coletivo tem acontecido em várias instâncias, inclusive com a universidade como espaço de discussão e trocas na luta pela garantia de direitos.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento oportunizado para a realização das pesquisas. Também agradecemos aos profissionais dos serviços de saúde e lideranças comunitárias pela participação durante todo o processo de investigação.

Referências

ANHAS, D. M.; CASTRO-SILVA, C. R. Potência de ação da juventude em uma comunidade periférica: enfrentamentos e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2927-2936, set. 2018. Doi: 10.1590/1413-81232018239.16522018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/LVT5gf859tMZHfPMLZnQM8K/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ANHAS, D. M.; ROSA, K. R. M.; CASTRO-SILVA, C. R. Afetividade e práxis transformadora na pesquisa qualitativa. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 30, e173315, 2018. Doi: 10.1590/1807-0310/2018v30173315. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LNSLPrjx6KMGg7B4HgmKJsP/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2021.

AUGUSTO, D. M.; FEITOSA, M. Z. S.; BOMFIM, Z. A. C. A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 145-158, jun. 2016. Doi: 10.5433/2236-6407.2016v7n1p145. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n1/a09.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. 2. ed. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CAMPOS, R. O. Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1269-1286, out./dez. 2011. Doi: 10.1590/S0103-73312011000400006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gqpckXpjxyS9GDpJWGzPssq/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CASTRO-SILVA, C. R.; ANHAS, D. M. Pesquisa implicada em saúde: contribuições da pesquisa participante e da hermenêutica. In: TOASSA, G.; SOUZA, T. M. C.; RODRIGUES, D. J. S. (org.) **Psicologia sócio-histórica e desigualdade social: do pensamento à práxis**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019. p. 226-267.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 42-62.

FERNANDES, M. C. *et al.* Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 169-194, dez. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/SfxX7fpVccbMrSSDHqCSNhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTADO, J. P.; LAPERRIÈRE, H.; SILVA, R. R. Participação e interdisciplinaridade: uma abordagem inovadora de meta-avaliação. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 468-481, set. 2014. Doi: 10.5935/0103-1104.20140044. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3xzM3pcDQnDJyGkzRQJhKnQ/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2021.

FRUTUOSO, M. F. P. *et al.* Gestão local de saúde em território de vulnerabilidade: motivações e racionalidades. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 105, p. 337-349, abr./jun. 2015. Doi: 10.1590/0103-110420151050002003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/yJbLKBvj55f47c6mhhpSFLh/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. 2. reimpr. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GRIPA, D. W. Pesquisa qualitativa: o caminho se faz ao caminhar. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 130-135, 2017. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/4749/5389>. Acesso em: 10 nov. 2021.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONKEN, M. *et al.* O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: MIRANDA, A. C. *et al.* (org.). **Território, ambiente e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 23-41.

MORAES, R. C. P. *et al.* Pesquisa participante na Estratégia Saúde da Família em territórios vulneráveis: a formação coletiva no diálogo pesquisador e colaborador. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 205-222, jan./abr. 2017. Doi: 10.1590/1981-7746-sol00035. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/5kP93HhbxCWBvXdKQSSnrxm/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PAULO, F. dos S.; BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante e a educação popular: luta e resistência a partir de Paulo Freire e de educadoras populares. **Revista Panorâmica**, Barra do Garças, v. 24, p. 256-268, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/763>. Acesso em: 14 dez. 2021.

PAULON, S. M. *et al.* Errâncias e itinerâncias de uma pesquisa avaliativa em saúde: a construção de uma metodologia participativa. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 20-28, 2014. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/3251/3846>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PEZZATO, L. M.; BOTAZZO, C.; L'ABBATE, S. O diário de pesquisa como dispositivo em pesquisa multicêntrica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 296-308, jun./set. 2019. Doi: 10.1590/S0104-12902019180070. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/DHWtPbhBJQ6gcJzhqSdrG9w/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PEZZATO, L. M.; L'ABBATE, S. O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1297-314, out./dez. 2011. Doi: 10.1590/S0103-73312011000400008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/cMmw8qyYBMKJBgJtrqv7CWh/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2021.

QUINTANA, M. **A cor do invisível**. Porto Alegre: Globo, 1989.

SANTOS, A. L.; RIGOTTO, R. M. Território e territorialização: incorporando as relações, produção, trabalho, ambiente e saúde na Atenção Básica à Saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 387-406, nov./fev. 2011. Doi: 10.1590/S1981-77462010000300003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/H5BtBJTGvQZgSXXvNrTKphp/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SAWAIA, B. B. Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social? **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 4-17, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wx4KxGgWWrK57tqYxQS4Zhx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, jun. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41889/45557>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 391-398, abr. 2008. Doi: 10.1590/S1413-81232008000200014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/T3DvLWYfKnQbY5BCGPmPSSt/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, abr. 2014. Doi: 10.1590/S0102-71822014000100005.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wrfMHbjhHNppX7Lppk8DMNJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

STRECK, D. R. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 537-547, jul./set. 2016. Doi: 10.1590/1807-57622015.0443. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DZgyZp4BzXBXkbsvZQtnMrh/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2021.

STRECK, D. R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. *In*: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. 2. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 259-276.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 85-93, jan. 2006. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6019/3194. Acesso em: 14 dez. 2021.

Submetido em 18 de agosto de 2021.
Aprovado em 20 de janeiro de 2022.